

ticas, não vacilara, afliito, em vir rogar ao filho socorro médico para a esposa acamada, com febre alta.

Algazarra.

Vizinhos em cena.

Meninas em choro de grande grito.

Aristeu, envergonhado, abraçava o pai, saído incólume, e explicava aos circunstantes o acontecido.

Enquanto revirava pequena farmácia familiar, procurando um calmante, deu uma olhada no relógio.

Uma e meia da manhã.

Entre os votos solenes e a ação intempestiva que praticara, havia sómente o espaço de quinze minutos...



O disfarce

A velha Jordelina Torres recebera do fazendeiro Paulo Mota as piores humilhações da vida.

A princípio, quando mais moço, perseguiu-a com propostas menos dignas a que resisteira valentemente.

O homem teimoso, contudo, para vingar-se, crivara-lhe o esposo, então empregado da fazenda, com tantas tarefas de sacrifício, que o pobre veio a desencarnar de maneira inesperada e violenta.

Desde então, o adversário gratuito aperfeiou o cerco.

Seduziu-lhe ambas as filhas, ao prego de ouro, lançando-as à existência em que a mulher bebe fel com o nome de "vida fácil" e, em seguida, não contente, tomou-lhe a casinha esburacada, banindo-a do sítio.

Jordelina, analfabeta, buscou a cidade grande, encorajada na fé, e fêz-se cozinheira na residência de um médico, junto de quem

teve a felicidade de encontrar uma família do coração.

Os anos rolaram e, certo dia, já grisalha, Jordelina Torres foi solicitada a comparecer no leito de morte do fazendeiro.

O portador comunicou-lhe que Paulo Mota, muito doente, se fizera religioso e queria vê-la, antes de partir para o túmulo.

Quem sabe se o poderoso sitiante tencionava pedir-lhe perdão ou aquinhoá-la com algum bem?

Jordelina realmente não desejava rever o desafeto, mas, vencida pelos argumentos da casa afetuosa a que servia, pôs-se de viagem para a fazenda.

Lá chegando, contudo, encontrou a surpresa.

Paulo Mota estava morto, desde a véspera.

E, deitado no féretro, mostrava curiosa apresentação, pois pedira à filha que o vestissem como Jesus no dia do Calvário.

O cadáver estava em posição solene, envergando grande roupão branco, cana humilde entre as mãos, coroa de espinhos na cabeça, pés descalços. Tudo simples, sem uma flor.

O fazendeiro dissera que desejava chegar ao outro mundo com a pobreza e a simplicidade do Divino Mestre.

Jordelina Torres chegou, respeitosa, e fitou o morto, compungidamente.

Orava, serena, quando foi abordada por D. Mariana Mota, a filha do fazendeiro, que lhe falou:

— Dona Jordelina, lamento que a senhora não tenha chegado antes... Papai estava muito interessado em que a senhora o perdoasse por alguma falta de outros tempos...

— Não tenho nada contra ele — disse a velha humilde —, pois também sou pecadora, necessitada do perdão de Deus.

Encorajada por uma resposta assim tão doce, a jovem senhora indicou o morto, cuja figuração efetivamente lembrava o Sublime Crucificado, e falou à recém-chegada:

— A senhora não acha que papai está bem como está?

Foi então que Jordelina explicou, sem afetação:

— Sim, minha filha, Nhô Paulo está muito bem disfarçado, mas ele agora está seguindo para o lugar onde é bem conhecido.

